

# A SEMANA

CORTE

Trimestre..... 2\$000  
 Semestre..... 4\$000  
 Anno..... 8\$000

PROVINCIAS

Semestre..... 4\$000  
 Anno..... 8\$000

**PUBLICA-SE AOS SABBADOS**

Gerente -- F. d'Almeida | Proprietario e director -- Valentim Magalhães | Secretario da red. -- A. Mendes

REDACÇÃO, OFFICINA E GERENCIA --- TRAVESSA DO OUVIDOR, 36, SOBRADO, ESQUINA DA RUA DO OUVIDOR

NUMERO AVULSO 100 RS.

*Não se restituem originaes, embora não publicados*

NUMERO ATRAZADO 200 RS.



**ANTONIO GONÇALVES DIAS**

DESENHO DE BELMIRO DE ALMEIDA

## SUMMARIO

Expediente.....	
«A Semana».....	
Antonio Gonçalves Dias..	T. DIAS.
Politica e politicos.....	PETIT PIT
Bolos.....	J. SINCRO.
Adeus á Duse-Chechi	
poesia.....	V. MAGALHÃES
Fischio, fischio.....	C. DE AZEVEDO.
A Vellice do Padre Eter-	
no.— Nota.....	G. JUNQUEIRO.
Idem— O Melro.....	»
Ainda bem.....	J. LOPES.
Poules.....	CATÃO.
Ilha phantastica (poesia).	F. D'ALMEIDA.
Paginas esquecidas: G.	
Dias.....	L. DE MENDONÇA.
Theatros.....	
Factos e noticias.....	
Recebemos.....	
Correio.....	

## EXPEDIENTE

Em razão das despezas extraordinarias que fizemos com este numero, elevamos o preço da venda avulsa a 200 réis.

## A SEMANA

Rio, 19 de Setembro de 1885

Damos hoje, como prometteramos, o retrato de Gonçalves Dias.

O bello desenho de Belmiro de Almeida não pôde ser apreciado em todos os seus detalhes e delicadezas porque, sendo o processo de gravura porque foi reproduzido, inteiramente novo entre nós, é este trabalho um simples ensaio, uma tentativa, para cujas naturaes imperfeições pedimos desculpa aos nossos assignantes.

Faltando-nos a primeira pagina, occupada pelo retrato de Gonçalves Dias, e tendo sido esta semana extremamente chôcha e calma, supprimimos por hoje a *Historia dos sete dias*.

Que os leitores nos agradeçam e consultem a secção *Factos e Noticias*.

Daremos no proximo numero a segunda das *Cartas de Lisboa* do distincto escriptor portuguez Emygdio Monteiro, nosso correspondente litterario e artistico naquella cidade.

Dando uma poesia inédita de João de Deus, dá-nos a gratissima nôva de que o illustre e benemerito poeta das *Flores do Campo* lhe prometterá escrever uma poesia, expresamente para ser publicada na *Semana*. Esperamol-a anciosamente, agradecendo desde já a immerecida honra.

## ANTONIO GONÇALVES DIAS

Nasceu na provincia do Maranhão, municipio de Caxias, no sitio da Boa-Vista, terras da fazenda Jatobá, no dia 10 de Agosto de 1823. Foram seus progenitores: o negociante portuguez João Manoel Gonçalves Dias e a mestiça Vicencia Mendes Pereira. Antonio Gonçalves Dias foi filho bastardo de João Manoel Gonçalves Dias, que depois matrimoniou-se com Adelaide Ramos de Almeida, que foi para com o poeta

mais mãe do que madrastra; pois, não tendo filhos que quizessem seguir a carreira das letras, e conhecendo a tendencia do seu enteado, despendeu com este toda a solicitude, auxiliando-o tanto quanto podia, como se se tratasse de seu filho mais querido.

Em 1837 partio Gonçalves Dias de S. Luiz do Maranhão para Coimbra, de onde, tendo fallecido seu pae, regressou em 1838; mas, graças aos bons sentimentos e generosidade de sua madrastra, voltava de novo a Portugal, nesse mesino anno, para continuar os seus estudos, que elevou até ao bacharelado de sciencias juridicas, impedindo-o de completar o curso um grave negocio de familia, cujo desempenho o impossibilitou de ver satisfeitas as aspirações que nutria.

Voltou, com esse modesto gráu, para sua cidade natal, onde exerceu a profissão de advogado, durante alguns mezes do anno de 1845.

Em 1846 procurou a Côte, onde deu á publicidade os *Primeiros Cantos*, que, a principio recebidos com frieza, — pois o proprio *Jornal do Commercio*, já então arvorado em oraculo do jornalismo, apenas eonsagrou-lhe duas linhas, — foram lentamente conquistando e consolidando a reputação de primeiro lyrico brasileiro, de que Gonçalves Dias devia gozar depois sem disputa, graças á critica de Alexandre Herculano, que, ante a propria patria do poeta, o saudava genio, espedaçando assim as muralhas do silencio, que a inveja e a ignorancia levantam em torno do nome e das obras dos que trabalham com talento. A critica de Herculano veio surprehender os brasileiros que não sabiam que tinham um poeta de tão alevantada estatura.

Em 1852 casou-se com a Exma. Sra. D. Olympia da Costa, filha do conselheiro Claudio da Costa, de quem o afastaram, nos ultimos dias de sua vida, desgostos intimos, provocados e alimentados por infames amigos, por quem se deixava dominar completamente, a ponto de enfraquecerem-lhe a razão, e o arrastarem a excessos mortaes, que lhe desenvolveram os padecimentos pulmonares, de que viria a fallecer, se, no dia 3 de Setembro de 1864, não tivesse sido victima de um naufragio nas costas do Maranhão.

Teve o poeta a felicidade, a poucas dada, de ouvir em vida o juizo que d'elle faria a posteridade, pois, um anno antes de desaparecer de entre os vivos, se espalhava o falso boato de sua morte, que foi geralmente lamentada como uma desgraça immensa. Infelizmente, como viamos, não sobreviveu muito tempo ao máu agouro.

Escreveu os *Primeiros, Segundos, Novos e Ultimos Cantos*, quatro Cantos dos *Tymbyras*, os dramas *Leonor de Mendonça, Boabdil, Beatriz Cena, Patkoll*; os romances *Memorias de Agapito Goiaba*, de que vêm nas suas obras posthumas soberbos capitulos, que fazem sentir ter o poeta, por escrupulos inexplicaveis, lançado ao fogo o restante da obra; varias memorias sobre historia patria, e o notavel estudo—apresentado ao Instituto Historico, sobre o Brazil e a Oceania.

Sobre o merito de Gonçalves Dias o juizo publico, universal, está formado no antigo e no novo mundo.

As suas poesias têm sido vertidas para o allemão, para o inglez, para o francez. Nacionaes e estrangeiros, os criticos têm sido unanimes em admirar-o.

Os seus comprovincianos, aos quaes tanto honrara com o talento e com o exemplo, levantaram-lhe uma estatua, que, valendo como expressão momentanea de entusiasmo, é, todavia, de esperar que dure menos que suas obras,

esse pedestal indestructivel, que o poeta preparou na passagem pela vida, para sobre elle erguer a sua memoria, como um incitamento ás gerações vindouras.

Gonçalves Dias é o melhor mestre dos que seguem a carreira litteraria.

Tem um estylo sobrio, preciso; é um colorista priinoroso. Os seus versos primam pela inspiração e pelo fino gosto, que revelam. Não ha em lingua portugueza paginas tão ricas de boa linguagem, como as dos *Cantos*, e principalmente dos *Tymbyras*, obra, á qual o futuro fará mais justiça do que a actualidade, quando ficar reconhecido que o cantor de Itajubá é tão grande como o de Fingal.

Tal foi Gonçalves Dias; taes serão julgadas as obras d'esse grande poeta, cujo genio as gerações futuras considerarão como o ponto culminante, o mais elevado, o melhor definido, do espirito romantico na litteratura brasileira.

T. DIAS.

## POLITICA E POLITICOS

A semana, quer no Senado, quer na Camara, foi de summa importancia.

No Senado foram approvados os cinco artigos do projecto-Saraiva, sendo regeitadas as emendas, com curta discussão em que tomaram parte os Srs. José Bonifácio, que pronunciou um discurso monumental, Affonso Celso, Souza Dantas, e outros notaveis opposicionistas, e por parte do governo, respondendo a todos, o Sr. ministro da Agricultura.

E' sabido quo o governo quer se ver livre d'aquelle trambolho o mais depressa possivel para ir tratar da eleição, e por isso o faz passar tal como está, mas que demorará a expedição do regulamento até que, abertas as Camaras, para o anno, possa fazer no projecto os côrtes, emendas e retoques que entender necessarios.

O melhor seria fazer obra nova, porque aquella, remendada, peor será.

A ser isso verdade, como parece, não deixa o plano do governo de ser sensato e de certas vantagens.

Fôra preferivel, no emtanto, que o Sr. de Cotegipe o expuzesse lealmente, desvendando com toda a franqueza o seu pensamento.

Na Camara, depois do projecto federalista, do Sr. Nabuco — assumpto de que se occupa hoje o nosso collaborador, Cyro de Azevedo, em artigo intitulado: *Fischio, fischio...*—deu-se a approvação em 3ª discussão da prerogativa do orçamento, concedendo ao governo todos os meios de vida que elle pediu—e mais alguns.

Esta é de gloriosa memoria! A Camara negou confiança ao governo—o que, sendo medida superflua, ociosa, só podia significar que a Camara, cuja maioria é de liberaes, não concederia o orçamento—e depois, *sans peur e...* com *réproche*, approva, concede todas as authorisações pedidas e outras que de coração lhe offerece, espontaneamente. A apostar em que se o governo fosse liberal, a Camara, (isto é: os liberaes em maioria) não o trataria assim tão a vela de libra.

Aquelle grupo *Zé!* aquelle grupo *Zé!* Graças a elle é que continuam estas vergonheiras liberaes. Que homens aquelles, Virgem Sanctissima, que homens! Que papel desgraçado vão esses sujeitos representar na historia politica d'estes tempos! Afinal, quando chegar a hora do *balanço geral* verificar-se-á que os liberaes, afóra poucas

e honrosas excepções, foram todos uns acabados e tristes—*zês pompeus*.

O acontecimento politico culminante foi a approvação pela Camara da seguinte importantissima emenda ao Orçamento:

Ao art. 1.º accrescente-se:

Fica revogado o § 1.º do art. 2.º da lei n. 3230, de 1884. (Auctorisação ao governo para entregar a S. Alteza o Duque de Saxe o dote de 1.200:000\$ garantido á finada princeza D. Leopoldina, pelo contracto do casamento).

Ficam supprinidas, no ministerio do imperio, as rubricas seguintes:

7.—Dotação ao Sr. duque de Saxe	75:000\$000
10.—Alimentos ao principe D. José.	6:000\$000
11.—Alimentos ao principe D. Luiz	6:000\$000
12.—Mestres da familia imperial . . .	3:200\$000

S. R.—16 de Setembro de 1885.—*Prudente de Moraes*.—*Campos Salles*.—*Alvaro Botelho*.—*Itaquí*.—*Augusto Fleury*.—*José Marianno*.—*Valdetaro*.—*Joaquim Tavares*.—*Vianna Vaz*.—*Joviniano Romero*.—*Affonso Celso Junior*.—*Bezerra de Menezes*.

E que tal, ein?...

Por esta não esperavam os senhores...

Nem elles.

E' uma economiasinha de 90:200\$000 annuaes.

Quem diria que este piparote formidavel, ha tantos annos e com tantos pontos de exclamação, reclamado e pedido pelos republicanos, havia de ser desfechado pela Camara, no dominio conservador, de accordo com os conservadores e com o voto de alguns d'elles!

Entre esses figurou o Sr. Andrade Figueira. Sim, meus senhores o *casudissimo* Sr. An-dra-de F'i-guei-ra!—com todos os ffe rr.

Este facto tem um enorme alcance politico, é um documento precioso para o estudo dos tempos que correm e do futuro da monarchia no Brazil.

A Arca Santa da *mamata* imperial foi tocada, violada, invadida; e os céus uão se partiram d'alto a baixo, nem de de enfiado o sol escureceu.

E' tal o nosso pasmo que, sem querer, fizemos verso!

E a profanação foi approvada e levada a effeito placidamente, sem assombro, nem desmaios, nem ribombos de colera ou espirros de susto!

Que dirá o Imperador?

PETIT-PITT.

## BOLOS

O *Bosco do Commercio* deu uma noticia vergonhosamente pifia da noite de despedida da companhia Rossi—Duse-Checchi. Já estainos acostumados, e por isso não as estranhamos, ás noticias réles do *Bosco*.

Mas esta tornou-se notavel entre as mais notaveis.

Tratando do drama, diz *Bosco do Commercio*: «Seria inutil discutir a producção de Augier, apontar-lhe os defeitos ou as bellezas: levada uma unica vez á scena aceite-mol-a pura e simplesmente.»

Que asneira é esta de aceitar puramente e simplesmente um drama?

Verdade é que o *Bosco* é por tal forma habilidoso que seria capaz de aceitar um drama *impuramente e compostamente*.

Mas o melhor da noticia archi-pifia não foi isso. Foi isto: o *Bosco* não piou

a respeito da grande e ruidosissima manifestação de apreço feita pelo publico á Duse-Checchi, e noticiada hontem por todos os jornaes.

Eis tudo o que se dignou de nos dizer:

«A representação de ante-hontem correu animada, não faltando palmas. No fim do ultimo acto, o publico chamou á scena o Sr. Ciacchi e applaudi-o, agradecendo-lhe assim o ter-nos trazido companhia tão homogenea.»

Nem sequer se dignou de dizer que Duse-Checchi *tambem* foi chamada á scena! Rancoroso e estúpido Pachyderme!

Qual seria o motivo de tão exquisito silencio?

Leia-se primeiramente o topico respectivo a esse ponto da noticia dada pelo *Paiz* e ohegar-se-á á causa d'esse estranho facto.

Diz o *Paiz*:

«Depois de repetidas chamadas em todos os intervallos e no fim do drama, —em scena Duse, Rossi, Andó, Masi e o digno empregario, Sr. Ciacchi—ergueu-se de uma frisa, á direita da sala, uma gentil menina, e recitou uma valente poesia, saudação brilhante, ao mesmo tempo que saudoso adeus a Eleonora Duse-Checchi.

E' indescritivel o enthusiasmo, que se apoderou do publico ao terminar a gentil creança a sua despedida.

Os versos, da facil musa de Valentim Magalhães, eram bellissimos, e a talentosa creança havia recitado com sentimento e enthusiasmo, clara dicção e voz forte, predicados raros em tão verdes annos.

Os camarotes, a platéa e os artistas applaudiram freneticamente; e depois, apparecendo no palco, a intrepida creança foi abraçada e beijada por Duse, e de novo saudada pelo publico.

E' filha do Sr. Dr. Barata Ribeiro a feiticeira menina, cujo nome retrata a alma: chama-se Candida.»

Que contraste entre o silencio absoluto do *Bosco* e o enthusiasmo d'O *Paiz*!

Como a poesia, recitada pela talentosa menina, era producção de Valentim Magalhães, o *Bosco*, em furibundo accesso de concentrada e inoffensiva colera, entendeu não dizer palavra sobre as manifestações que teve a genial artista; nem —ao menos!— que ella foi *tambem* chamada á scena. Invejoso bruto! Nem a Duse, nem Valentim Magalhães, nem ninguem tem culpa da imprestabilidade absoluta do ex-*Quidam*, o filhinho amado do *Escaravelho*.

Se a pobre creança não dá para nada, nem mesmo para *manhas*, não é isso motivo para encobrir a verdade, com prejuizo, embora pequeno, do nome glorioso de Duse-Checchi.

Quanto ao director d'esta folha, elle está... fumando para as pirraças como para todo mal que lhe deseje e prepare o *Bosco do Commercio*.

Nem todas as quatro patas do monstro, juntas, poderão mais esmagar, fazer desaparecer o nome que hoje tem no *paiz* o ex-escriptor das *Notas á margem*.

Perdõe-se-nos este rasgo de immodestia; mas era preciso dizer estas verdades na tromba do animalão.

E com esta remettemol-o... aos *Amores de Roberto*, que, como hydragogo, devem alivial-o das bilis que lhe exasperam e atormentam a iugloria ve-lhice.

JOÃO SINCÉRO.

(no impedimento de C. Ferula.)

## ADEUS A DUSE-CHECCHI

Poesia recitada pela menina Candida Barata Ribeiro na noite de 16 de Setembro, no theatro S. Pedro de Alcantara.

I

D'este pequeno céu, sagrado ao Drama,  
—Em que, por um momento, a viva chamma  
Do genio fulgurou,—  
Vae nesta noite desferir a estrella  
Mais scintillante, mais gentil, mais bella,  
Que sobre nós brilhou.

Vão invadil-o as trévas, de repente;  
E o Silencio virá soturnamente,  
Frio e triste, reinar  
Sobre o throno, da deusa abandonado,  
Como de um rei o espectro amargurado  
Num sólio tumular.

E com o silencio aqui vereis vagando,  
Aos seus passos as sombras acordando,  
Sem gemidos de dor,  
Uma outra sombra, lenta e compungida:  
A Saudade!—da Magoa irmã querida,  
Doce filha do Amor!

II

Quando alguém, descoherito e respeitoso,  
Entrar neste theatro silencioso,  
Perturbando-lhe a paz,  
Ha de a sombra e o silencio ver em tudo:  
Vazia a sala, o palco em trevas, mudo,  
A ribalta sem gaz.

Nessa visita lugubre, no emtanto,  
Ha de segui-o, sohrçando o manto,  
Uma triste mulher,  
Que ha de falar-lhe d'Elia, em voz magoada,  
De uma tristeza immensa repassada,  
Qual de uma ave o gemer...

E a Saudade—prodigio!—ha de ao proscenio  
Trazer de novo Duse-Checchi—o genio  
Que hoje nos vae fugir;  
E da Saudade á voz mysteriosa  
A immensa estrella, tremula, radiosa,  
Ha de aqui resurgir!

*Fernanda*, alma terrivel de vingança,  
*Frou-Frou*, a ingenua e misera criança,  
*Cezarina*, a sensual,  
*Odette*, a esposa infel, mãe soffredora,  
Que se lava da culpa aviltadora  
Num martyrio infernal!

E *Margarida*, a hella flor impura,  
Que no vicio fanou-se e á desventura,  
Sorrindo, succumbio;  
Que resgatou no amor a vida toda,  
E que, por fim, no amor—phalena douda!—  
A vida consumio!

Todas as creações extraordinarias,  
Imprevistas, sublimes, tumultuarias:  
Phantasticas visões,  
Todas, á voz da pallida Saudade,  
Resurgirão, em toda a magestade,  
Entre vivos clarões!

III

Sómente assim—quem sahe?—poderemos  
Rever a estrella, que esta noite vemos  
Pela ultima vez!  
Adeus! Adeus! Esplendida rainha!  
Para o theatro a noite se avizinha  
De penosa viuvez!

Adeus, dehil mulher, mulher sublime,  
Que subjugas a Dor, o Espanto, o Crime,  
Ó desespero atroz!  
Domadora genial, que os sentimentos  
Governas, como a leões sanguinolentos,  
Com a tua doce voz.

Adeus, ó Duse-Checchi, flor divina,  
Soberana da Arte, peregrina  
Estrella d'estes céus...  
Numa chuva irradiante de fulgores  
Vão nossas almas—palpitantes flores—  
Beijar-te os pés. Adeus!

14—Setembro—1885.

VALENTIM MAGALHÃES.

FISCHIO, FISCHIO...

A camara recebeu com friesa o projecto de federação das provincias.

A idéa seductora de aviventar este enorme paiz com a partilha de independencia regional, em contraposição ao systema absorvente que o trouxe ao derradeiro grau de anxia economica, não conseguiu impressionar os espiritos augustos.

O principio republicano da autonomia das provincias, estribado na gloriosa tradição historica dos democratas de 31, foi usurpado pela agremiação partidaria que se rotulava de liberal, e convertido nos tempos de desgraça em dourada promessa á confiança popular.

Redivivo hoje, advogado pela formosa e honesta palavra do Sr. Joaquim Nabuco, offerecido por um punhado de convencidos, o grande principio,—um tanto apertado nos molles de uma reforma monarchica,—passou pela camara sem turbar-lhe a característica indifferença.

Esse descuido pelos interesses de ordem superior, essa ignorancia das necessidades da patria, acimando o arrojo scientifico, a iniciativa reformadora, de sonho poetico, devaneio azul de espirito enamorado por grandezas, foi mais um documento para a historia de nossa decadencia.

Pouco antes do projecto, a camara despindo o fraque, solta a gravata, alçado o punho da camisa ao cotovello, regalou-se em brigasinhas, em rivalidades pessoaes.

Era animada a scena, mas desesperador o espectáculo; e, se a geração que governa, não pode offerecer á juventude, outro e melhor ensino de patriotismo e possança intellectual, passe os emblemas do sacerdocio, antes que a ira popular force-a á penitencia.

O interesse de assegurar o presente estado de cousas, tão de feição para essa politica de cabotagem; o susto que aos espiritos anarchisados pelas theorias metaphysico-theologicas, traz a idéa de reforma; o immobilismo, estimado pelos que ignoram os principios da politica experimental; pelos que não enxergam a profunda evolução do mundo moderno, esse remonte grandioso nas crenças, nos costumes, na sciencia, e nas instituições taes foram as efficientes d'esse torpor do parlamento ao alvorecer de um projecto masculino.

Nem o sonho da quasi criação de mundos:—circumscripções territoriaes autonomicas, fugindo ao servilismo governamental que entorpece a corrente progressiva e deprime os caracteres, nem a eloquencia classica do grande abolicionista, puderam prender a sympathia da camara...

Falstaff acarinhava o ventre, sonhava dansas e adufes, prazer seguro, vida descuidosa...

E ria-se Falstaff...

CYRO DE AZEVEDO

Setembro de 85.

« A VELHICE DO PADRE ETERNO »

Eil-o finalmente publicado este livro, ha tanto tempo annunciado, tão annunciado que, como não se resolvesse a vir a lume, entrará a parecer fabuloso. Eil-o aqui. Tem 212 paginas em grosso papel, format: grande. São seus editores

os livreiros Teixeira & Irmão, de S. Paulo, os quaes, até ao fazerd'esta, ainda não tinham mandado a *Velhice* cá para a Corte, sem que saibamos porque. A procura tem sido enorme em todas as livrarias e grande a decepção dos que querem a *Velhice* e não a encontram. Felizmente, o director d'esta folha recebeu um exemplar que lhe foi remetido pelo auctor, com uma dedicatória do seu punho.

Daremos no proximo numero um artigo critico de Valentim Magalhães sobre a *Velhice do Padre Eterno*.

Por hoje diremos somente que é este um livro extraordinario, exquisito, escandaloso, assombroso, bellissimo, —unico! Ha de ser com certeza excomungado, o que não será mau, mas por isso mesmo exgotar-se-á dentro em pouco a edição, o que será optimo.

Para que se comprehendam os seus intuitos e o logar que occupa na obra de Guerra Junqueiro, transcrevemos em seguida a *Nota* com que o fecha o auctor; e para que se avalie o seu merecimento, — um trecho d'*O melro*. E' o trecho final, que não está no folheto ha annos publicado; portanto, inteiramente indicto.

E' sublime.

Primeiramente, a

NOTA

« Em seguida á *Morte de D. João* comecei a escrever um novo poema — *A morte do Padre Eterno* (*A morte de Jehovah* era o titulo primitivo) cujo plano completo, até aos minimos detalhes, estava de ha muito elaborado no meu espirito.

Mas em torno d'essa idea principal germinou um grande numero de idéas accessorias, d'onde nasceu um livro novo, *A Velhice do Padre Eterno*, colleção de 50 poesias, que são 50 balas que partindo de diversos pontos, vão todas bater no mesmo alvo. Em 1879 estava adeantada *A Morte do Padre Eterno* e quasi concluida a *Velhice*.

Uma enfermidade de quatro annos successivos interrompeu a obra.

Volvendo a saude, voltou o trabalho. O trabalho nasce espontaneamente da alegria, como um fructo nasce espontaneamente d'uma flor.

Publico hoje o 1º volume da *Velhice do Padre Eterno*. O 2º, já na imprensa, sahirá á luz com brevidade. No 1º volume predomina a satyra, no 2º a epopeia. Os dois completam-se. A critica, so reunidos, os poderá julgar inteiramente.

Creio, se a saude me não faltar, que a *Morte do Padre Eterno* dentro de um anno estará impressa. E depois de morto D. João e morto Jehovah, resta-me resuscitar Jesus e desagrilhoar Prometheu.

Esse ultimo poema, o *Prometheu Libertado* será o fecho da trilogia, o complemento da minha obra.

Terei os annos de vida necessarios para escrever esse livro? Não sei; no entanto, rogo a Deus do fundo da minha alma que me deixe terminar com um hymno de esperanza e de harmonia, uma batalha de coleras e de sarcasmos. O plano está concebido ha muito. A idéa é simples, e creio que bella. A primeira parte é a epopeia do Trabalho, a glorificação de Prometheu pela humanidade e pela natureza.

Na segunda parte Jesus Christo, levantando-se do seu tumulo, vem ful-

minar o abutre e desacorrentar Prometheu. O heroe é libertado pelo santo. A crença e a sciencia, a razão e a fé, depois de um combate de milhares de seculos, reúnem-se finalmente numa paz luminosa, numa communhão indestructivel.

A liberdade de Prometheu significa o desapparecimento de todas as tyrannias, e a resurreição de todos os dogmas. Um é a justiça humana, e o outro a aspiração immortal para uma justiça absoluta. O Caucaso e o Golgotha ficam sendo para a humanidade os dois grandes altares da religião eterna do Futuro.

Julho — 1885.

GUERRA JUNQUEIRO.

O MELRO

Segundo o seu costume habitual,  
Logo de madrugada  
O padre-cura foi para o quintal,  
Levando a biblia e sobraçando a enxada.  
Antes de dizer missa,  
O velho abbade inevitavelmente  
Tratava da hortaliça  
E resava a Deus Padrc Omnipotente  
Varios trechos latinos,  
Salvando desta forma juntamente  
As ervilhas, as almas e os pepinos.

E já de longe ia bradando :

«—Olé!  
Dormiram bem?... Estimo...  
Eu lhes darei o mimo,  
Canalha vil, grandissima ralé!  
Então vocês, seus almas do diabo,  
Julgavam que isto que era so dar cabo  
Da horta e do pomar,  
E bico alegre e estomago contente,  
E o camello do cura que se aguenta,  
Que engrolle o seu latim e vá bugiar!...  
Grandes larapios!... Era o que faltava!  
Vocês írem ao milho,  
E a mim mandar-me á fava!  
Pois muito bem, agora que vos pilho  
Eu vos ensinarei, meus safardanas!  
Vocês são mariolões, são ratazanas,  
Têm bico, é certo, mas não têm tonsura...  
E nas manhas um melro nunca chega  
A's manhas naturaes d'um padre-cura.  
O melhor vinho que encontrar na adega  
E' para hoje, olé!... Que bambochata!  
Que petisqueira! Melros com chouriço!...  
E então a Fortunata  
Que tem um dedo e um geito para isso!...  
Heide de comer-vos todos, um a um,  
Lambendo os beijos, com tal gana emfim,  
Que comendo-vos todos, mesmo assim  
Eu fico ainda quasi que em jejum!  
E depois de vos ter dentro da pança,  
Depois de vos jantar,  
Vocês verão como o velhote dança,  
Como elle é melro e sabe assobiar!...»

Mas nisto o padre-cura titubiante  
Quasi desfallecendo,  
Attonito de horror, parou deante  
D'este drama estupendo:  
O melro, ao ver aproximar o abbade,  
Despertou da atonia,  
Lançando-se furioso contra a grade  
Do carcere. Torcia,  
Para os partir os ferros da prisão,  
Crispando as unhas convulsivamente  
Com a furia d'um leão.  
Batalha inutil, desespero ardente!  
Quebrou as garras, depennou as azas,  
E hallucinado, exangue  
Os olhos como brazas,  
Heroe febril, a gotejar em sangue,  
Partiu num voo arrebatado e louco,  
Trazendo dentro em pouco  
Preso no bico um ramo de veneno.  
E bello e grande e tragico e sereno  
Disse:

«Meus filhos, a existencia é boa só quando é livre. A liberdade é a lei. Prende-se a aza, mas a alma voa... O' filhos, voemos pelo azul!... Comei!—»

E mais sublime do que Christo, quando Morreu na cruz, maior do que Catão, Matou os quatro filhos, trespassando Quatro vezes o proprio coração! Soltou, fitando o abbade, uma pungente Gargalhada de lagrimas, de dor, E partiu pelo espaço heroicamente, Indo cair, já morto, de repente Num carcavão com silveiras em flôr.

E o velho abbade, livido d'espanto, Exclamou afinal:

«Tudo que existe é immaculado e é santo Ha em toda a miseria o mesmo pranto, E em todo o coração ha um grito igual. Deus semeou d'almas o universo todo. Tudo o que vive, ri e canta e chora... Tudo foi feito com o mesmo lodo, Purificado com a mesma aurora. O' misterio sagrado da existencia,

Só hoje te adivinho, Ao vér que a alma tem a mesma essencia Pela dor, pelo amor, pela innocencia, Quer guarde um berço, quer proteja um ninho!

Só hoje sei que em toda a creatura, Desde a mais bella até á mais impura, Ou numa pomba ou numa fera brava, Deus habita, Deus sonha, Deus murmura!...

Ah, Deus é bem maior do que eu julgava!...

E quedou silencioso. O velho mundo, Das suas crengas antigas, num momento Viu-o zunir exausto, moribundo Nos abysmos sem fundo

Do tenebroso mar do Pensamento. E chorou e chorou... A Igreja, a Crença, Rude montanha pavorosa, escura, Que enchia o globo com a sombra im-

mensa Dos seus setenta seculos d'altura; O Himalaia de dogmas triumphantes, Mais eternos que o bronze e que o granito, Onde aos prophetas Deus falava dantes Entre raios e nuvens trovejantes Lá dos confins siderios do infinito; Esse colosso enorme, em dois instantes Viu-o tremer, fender-se e desabar Numa ruina espantosa, Só de tocar-lhe a aza vaporosa D'uma avezinha tremula, a expirar!...

E, arreMESSANDO a biblia, o velho abbade Murmurou:

«Ha mais fé e ha mais verdade, Ha mais Deus com certeza Nos cardos seccos d'um rochedo nú Quo nessa biblia antiga... O' Natureza, A unica biblia verdadeira és tu!...»

GUERRA JUNQUEIRO.

#### AINDA BEM

Naquelle dia o João enterrava com mais vigor a enxada; brilhavam-lhe nos olhos umas scintillas luminosas, como as phosphorescencias do mar. Lia-se-lhe nos movimentos, rapidos e irregulares, uma alegria estranha e intermittente; os pés enterravam-se-lhe pesadamente no barro solto, e elle tinha nos labios grossos um sorriso de bondade ingenua, quasi infantil.

Da sua figura athletica, batida de chapa pela luz forte de uma manhã de verão, como que se irradiava a ventura. Pensamentos alegres illuminavam-lhe o rosto.

Os companheiros, um pouco afastados, não o ouviam falar nem cantarolar tão pouco. E' que o bom do rapaz nadava em largo oceano de conversações mentaes.

O seu trabalho era materialissimo; logo, podia livremente pensar em cousas bem diversas das que fazia... e pensava:

... que iria nesse dia, ás Ave-Marias quando deixasse o trabalho, direito á mãe; contar-lhe-ia que gostava da Mariquinhas e desejava casar com ella. Afinalde contas, era muito justo que pensasse nisso, a mãe mesmo devia dar-lhe rasão. Que diabo! um homem, por mais bruto que seja, necessita do carinho de alguem que zele com interesse pela sua saude e tranquillidade. Não estava resolvido a envelhecer sósinho; e, imaginando todas futuras alegrias, punha-se a rir baixinho, apertando com força o cabo da enxada que elevava bem alto no ar para fincar no chão.

Depois da ceia procuraria então o Manoel, o seu melhor, o seu unico amigo; encarregal-o-ia do pedido, e nelle, desabafando o coração, depositaria toda a sua esperanza.

Tinha rasão para isso; o Manoel fóra sempre para elle um pae, respeitava-o como tal e talvez por isso nunca lhe falara em seus amores. Estimava-o lealmente; conhecia-se inferior e não se revoltava; ao contrario, a superioridade do amigo como que lhe impunha o affecto. O Manoel era influente, persuasivo; o pae da Mariquinhas não lhe diria com certeza um não, e imaginando ganha a victoria, o bom do João estremecia de contentamento á idéa de que no dia seguinte, aquellas mesmas horas, elle seria noivo, noivo da sua querida Mariquinhas! Deus do céu, que bom!

Alongando a vista pela pradaria fóra, dizia elle consigo:—Agora, que já tenho aquellas terrinhas lá em baixo e que já ganho mais, hei de continuar a viver a mesma vida de cão sem dono? Ora! era o que faltava! E zás! uma grande enxadada na terra, que se esboroava á pancada abrindo-se em sulcos fundos. Assim passou a manhã.

E' meio dia; e elle continha na lida do pensamento e do braço.

Saem da terra quente umas emanações mornas. As folhas amolecidas, pendem para o chão. Ouve-se forte o zum-zum das abelhas ávidas que se dão ao luxo de beber na taça d'ouro das acacias o seu querido nectar.

O solo ardente parece levantar-se a pouco e pouco, como se fosse d'aço e o céu de iman, tal é a absorção solar. Nem um canto se escuta.

A natureza dorme o seu pesado somno, coberto pelo manto de ar abafado. A beira das estradas vermelhas e sinuosas pendem para os formigueiros replectos os galhos resequidos dos arbustos velhos, e ao longe, nos extensos pastos, os animaes exaustos, dormem estendidos...

Todos sentem desfallecer as forças, latejar as fontes, enfraquecer os braços; só o João imprime á enxada movimentos fortes, rasgando a terra em largas covas; só elle continúa alegremente na ardua faina, porque só a elle sorri perto um dia cheio de cariciosas compensações...

Chegou enfim a tarde, a suspirada tarde! Uma aragem suave fazia ondular as ramarias finas das espongeiras bravas e as palmas delicadas dos rendilhados fétos; uma ou outra rve cortava em vôo bonançoso, o azul pallido, esmorecido do céu sem nuvens.

João deu as boas-tardes aos companheiros, e desceu só! Caminhou com passo resolutivo e firme; o coração saltava-lhe no peito, sentia necessidade de dizer muita cousa, muita! A mãe

que tivesse paciencia, havia de escutal-o aquella noite.

Mal chegou, a velha, sentada a remendar uns panos, apontou-lhe a ceia.

— Não tenho vontade de comer; respondeu.

— Fazes mal; replicou a mãe. Sabes quem sahio agora d'aqui?

— Não.

— O Manoel.

— Ah! e eu que preciso tanto estar com elle!...

— Elle tambem tem que te dizer... Vae casar.

— Casar! que coincidencia! e, a um olhar espantado da mãe, com quem?

— Com a Mariquinhas, a filha do Anselmo.

João deu um salto, os olhos pareciam quererem saltar-lhe; um tremor forte sacudia-o, imprimindo um aspecto feroz ao seu rosto, havia pouco bonançoso, alegre.

— Que é isto meu filho?!...

— Uma desgraça, mãe; disse elle, cerrando os dentes; e, afastando de si a espavorida velhinha, lançou mão da enxada, e sahio.

Principiavam a luzir as primeiras estrellas. João caminhou febrilmente para o recanto da estrada onde todas as noites esperava o Manoel, o seu bom, o seu melhor amigo. Tinha este fito: matal-o.

Queria vel-o cahido aos seus pés para dizer-lhe:—Morres porque roubaste a minha felicidade, porque me trahiste; morres porque me estorvas e porque te odeio!

Ha mysterios insondaveis no coração do homem, luctas que ensurdecem a consciencia e que arrastam aos mais fundos abysmos aquelle que não tiver coragem para o sacrificio. João sentia pesar sobre elle toda a brutalidade do seu amargo destino, fervia-lhe o sangue na cabeça e jurava vingança a dor que o suffocava tanto. Esperou, como um tigre esfaimado espera a ambicionada presa, mas o Manoel tardava... Sentou-se então á beira do caminho e poz-se a olhar para o horizonte que se ensombrou a mais e mais.

Exactamente nesse sitio é que se costumavam a encontrar os dois amigos e a trocar abraços fraternaes. Era a junção das estradas, e fora ali que um dia o Manoel salvára João de uma emboscada, e fora ali que o Manoel dera ao João tão excellentes conselhos, e fora ali que elles tantas vezes se apertaram lealmente as mãos! João queria reflectir, mas tumultuavam-lhe no espirito pensamentos doidos que lhe seccavam as lagrimas, mordendo-lhe o coração.

Era já tarde quando um vulto se destacou da curva do caminho. Vinha só. João de um salto collocou-se no meio da estrada; rangiam-lhe os dentes e corriam-lhe pela testa bagas de um suor gelido. Estavam afinal frente a frente os dois homens! O luar bateulhes no rosto, conheceram-se.

Contemplaram-se um instante em silencio, Manoel sorprezo, João como que sentindo desmoronar-se-lhe no peito o coração... Mais um segundo e de repente, sacudido por um movimento rapido, atirou aos pés a enxada. O amigo abria-lhe os braços e elle lançou-se nelles, apertando-o cerradamente de encontro ao coração.

No outro dia subia o João para o trabalho, com os olhos vermelhos e inchados, as faces pallidas, o corpo abatido; mas a sua pesada enxada, a sua vigorosa companheira, casta e boa, essa... ia pura de toda macula.

Ainda bem.

Rio de Janeiro, Setembro. 1885.

JULIA LOPES

## POULES

A introdução das *poules* no Rio de Janeiro foi lembrança da benemerita sociedade *Jockey-Club*, que aproveitou — o facto de serem inevitáveis as apostas entre particulares — para ao menos convidal-as a deixarem de si algum vestígio luminoso e em benefício do melhoramento da raça cavallar em nosso paiz.

Clamem muito embora os mais severos abstractistas, não poderão negar os dois seguintes e importantíssimos resultados, sendo o segundo d'elles legitima consequencia do primeiro:

Em 17 annos de bons serviços prestados pelo *Jockey-Club*, por simples iniciativa particular, avultada somma foi distribuida em premios, animadores da industria de criação de animaes de sangue.

Essa rendosa e utilissima industria hoje existe e com força se desenvolve em varias provincias, representando bem soffivel e crescente riqueza.

Os multiplos e interessantes negocios da pasta da agricultura acham-se, por felicidade nossa, entregues a um espirito superior e esclarecido, o Exm. conselheiro Dr. Antonio Prado, que perfeitamente conhece a realidade do que acabamos de asseverar.

Não ha, pois, mais desprezível intriga do que essa que pretende nivelar as corridas hippicas e de alta montaria com a deploravel e automatica jogatina dos cavallinhos de chumbo das baracas do Campo, escandalosa tolerancia de que nunca se poderá defender a nossa Ilma. Camara Municipal.

Poupar-nos-emos o vexame de tão impossivel paralelo, e, arredando-o de nosso caminho, apenas observaremos — que ha profunda differença entre as corridas, organisadas pelo *Jockey-Club*, *Derby-Club* e *Prado Villa-Isabel* e os divertimentos, aliás proveitosos, das regatas e das corridas a pé.

Que nestes ultimos fossem prohibidas as *poules*, contentando-se as respectivas sociedades com os rendimentos das contribuições mensaes e da concurrencia, estariamos de perfeito accordo com o governo, com a policia e com o *Jornal do Commercio*. Na verdade, quem rema ou quem corre a pé, fal-o por hygienico exercicio muscular, e, quando em publico, para exhibir uma prenda bem semelhante a saber pintar, dansar, atirar, tocar um instrumento musical, etc. Se, pois, os gremios alludidos tambem admittiram as *poules*, devemos somente accusar os que tendo olhos, força e discernimento, não quizeram nem ver, nem prohibir, nem discriminar.

Querem pôr um fim ás *poules* do *Jockey-Club*, *Derby-Club* e *Prado Villa-Isabel*? E' muito e muito simples. Resolva primeiramente o governo onerar o paiz com uma subvenção annual pelo menos de 100.000\$ para cada uma dessas utilissimas sociedades. Mas, fazendo-o, não se esqueça de que não poderá prohibir as apostas entre particulares, e talvez então se convença do quanto é preferivel deixar que ellas continuem de produzir os fructos preciosos que todos reconhecem.

Não ha meio de suffocar o gosto do povo, nem de arrancar-lhe um de seus divertimentos mais predilectos. O carnaval passa todos os annos e consome dinheiro a rodo, sacrificios, saude, desafia conflicts, produz uma verdadeira perturbação na vida das grandes cidades. Que deixa elle apoz si? Nada, absolutamente nada! Se as *poules* podem ter seu lado perigoso, a innegavel verdade é que somente ellas teem contribuido para o progresso dos clubs de corridas e para o florescimento da mi-

portante industria de criação de animaes de sangue.

O que é da maior conveniencia é a união, o perfeito accordo entre o *Jockey-Club*, o *Derby-Club* e o *Prado Villa Isabel*, para que as commissões julgadoras dos pareos e fiscalisadoras da casa das *poules*, procedam com a maior imparcialidade. Não nos cançaremos, outrossim, de repetir nosso amistoso appello a todos os dignos proprietarios, recomendando-lhes que fujam de todo e qualquer conchavo, pois que isso, em muito os prejudicando, acabará por desacreditar um divertimento acceito e applaudido em todos os paizes adiantados.

CATÁO.

## ILHA PHANTASTICA

A' EXMA. SRA. D. JULIA LOPES  
(No seu livro de Contos)

## I

Ao ler-te e ouvir-te, sabes no que eu penso?  
Penso no mundo ideal da phantasia,  
Esse paiz estranho, ignoto e immenso,  
Inundado na luz de eterno dia.

No largo oceano intermino dos sonhos  
Vou amando o meu baixel mesquinho,  
Soberbo e ovante como um deus marinho  
Por quem é doce o mar e os céos risonhos.

Nereidas e tritões de buzios torsos  
Tiram meu barco, alegremente rindo,  
Disfarçando com musica os esforços,  
De extravagantes sons o ar ferindo.

E navegando mais, e navegando  
Entro de maravilha em maravilha,  
Até que ás plagas chego de uma ilha  
Onde ouço muitos passaros cantando.

Do luso bardo a *Ilha dos Amores*  
Só da que eu vejo te dará ideia,  
Se eu disser que na d'elle ha menos flores,  
E que é tanto maior quanto mais feia.

## II

A minha é um jardinsinho fluctuante,  
Onde a Flora mais provida e mais rica  
Milhões de flores planta e multiplica,  
Num delirio de febre fecundante.

O solo é de oiro virgem surribado,  
E todo em raras plantas arrebenta:  
Sente-se o esforço vivo e desesprado  
De uma vegetação doida e violenta.

As nunca vistas flores e formosas  
Que ha nesta ilha, são de tal belleza,  
Que espanto dando á propria Natureza,  
Tornam mesquinhas as mais bellas rosas!

O que não se imagina ou se presume  
E' o visivel e doce thymiamia,  
O tactil e suavissimo perfume  
Que todo o espaço, em ondas, embalsama.

Frigga, a deosa do Norte,—cujo encanto  
No choro está,—melhor que a Venus grega,  
E' quem fecunda o solo e as plantas rega  
Com as lagrimas d'oiro do seu pranto.

E' uma estancia de amor, no mar perdida,  
Que á mente escapa e que não cabe em verso;  
Beijo da Natureza embevecida  
Na suprema harmonia do Universo!

## III

Não ha ali noite. Fulge como estrella  
Cada uma flor. E ali tu és a Fada,  
Por um poder divino transformada  
Em colibri com voz de philomela.

Nes pequeninas pennas multicores,  
Que o o arco-iris todo em si retratam,  
Pareces ter as petalas das flores  
Que dos ramos em cachos se desatam.

Corôa-te a cabeça rutilante  
De estrellas uma vivida grinalda,  
Onde as côres refulgem da esmeralda,  
Do rubi, da saphira e do diamante.

Uma população de aves canôras,  
Que óra em remigios volta, ou paira e ascende  
Entôa a symphonia das auroras,  
E ao teu poder, ó Fada! os peitos rende!

E tu, pequena, debil e graciosa,  
Inveja das rainhas, dominando,  
Regendo vaes o sonoro bando  
Que fórma a orchestra alada e sonora.

Vives na gloria extrema, entre os fulgores  
Da apotheose viva! Eterna boda!  
Nupcias de sons, de aromas e de côres!  
Epithalamio que enche a terra toda!

## IV

Este paiz de luz e de poesia,  
Eu vejo-o sempre que os teus Contos leio.  
Nasce no doido azul de um devaneio,  
Vive no sonho audaz da Phantasia!

Setembro, 14, de 1885.

FILINTO D'ALMEIDA.

## PAGINAS ESQUECIDAS

Lopes de Mendonça, o critico eximio e prosador distinctissimo, tão cedo roubado ás letras portuguezas foi um dos primeiros a render homenagem em Portugal ao talento poetico de Gonçalves Dias. Julgámos curioso fazer ler hoje, nesta secção, essa pagina do magnifico livro «Litteratura Contemporanea», publicado em 1855, hoje quasi inteiramente, senão inteiramente esquecido.

Os conceitos expendidos ha trinta annos pelo grande escriptor portuguez sobre o grande poeta brasileiro têm sido plenamente confirmados pela critica litteraria de ambos os paizes.

## A. GONÇALVES DIAS

Os *Primeiros Cantos* do Sr. Antonio Gonçalves Dias revelaram ao Brazil e a Portugal um talento poetico superior. A penna do Sr. Alexandre Herculano consagrou num artigo esta brilhante apparição e solemne baptismo do illustre historiador, salvou-o, pelo menos, do prurido de mesquinhas invejas, com que a mediocridade pretende abafar sempre as explosões intellectuaes que a deslumbram.

Via-se desde logo que estavamos na America e no Brazil. Era mais ruidoso o trinar dos passaros, mais magestosa a densidade vegetal das florestas, mais soberba a corrente dos rios, mais embriagante o perfume das flores, mais vivas as côres com que o crepusculo se despede da terra, em caprichosas e phantasticas combinações.

Eram harmonias cantadas na mesma lingua que nós fallamos, mas inspiradas e absorvidas n'outro theatro. A cobra enroscava-se nos troncos das arvores, a onça e o tigre uivam, perturbando o silencio do sertão: o caféseiro derrama os seus aromas na tépida atmosphera, que os raios do sol illuminam; o annanaz e a mangueira convidam os labios soffregos para apagarem a séde nos seus humidos e succulentos fructos.

É o Novo-Mundo, em que a natureza é mais rica e luxuriante: em que a vista se alarga por extensas regiões, não devassadas pela actividade do homem: terra bella, indolente e morbida, como a creoula, na hora da sesta, quando o repouso da calma lhe adormece os sentidos fatigados: medonha, terrível, quando o furacão sibila, açoiando as grimpas das arvores, quando o trovão ribomba, e o vento fustiga as nuvens, que parecem fugir espavoridas diante do seu omnipotente sópro. Terra, em que dir-se-á que a vida se multiplica como por encanto, mas onde os castos beijos da Celuta não podem dissipar a melancholia dos Renés, devorados pelas agonias do ideal, saudosos e ao mesmo tempo cansados dos delirantes prazeres, em que despenderam as forças da sua alma!

Embora a natureza se revolva, como uma voluptuosa odalisca, entre os tapetes de uma verdura sempre viçosa, semeando o ar de harmonias e a terra de aromas, a sina do poeta é exclamar com amargura:

Amor! amor! que és tu? Se acaso existes,  
Se és mais que a sombra vã, se és mais que  
um nome,  
Se és mais que phantasia, ou mais que um  
sonho,  
Dá-me sequer uma hora de ventura,  
Uma hora, genio de Deus, se podes tanto.

Celeste emanação, gratos affluvios  
Das roseiras do céu: bater macio  
Das azas auri-brancas de algum anjo  
Que roça em noute amiga a nossa esphera.  
Scentelha e luz do sol que nunca morre;  
És tudo, e mais do qu'isto: és luz e vida,  
Peregrinas essencias trescalando!...  
Perfume e vôo de anjo mal sentido,  
Tambem passas veloz,—breve te apagas,  
Como d'uma ave a sombra fugitiva,  
Desgarrada voando á flôr de um lago!

Quem não sentirá em todos os cantos do Sr. Antonio Gonçalves Dias que é um poeta, mas um poeta brasileiro, que respira ansioso no ambiente voluptuoso e apaixonado, que as flores perfumam, que o sol deslumbra, que as brisas meigamente acalentam, na sua emanação suave e bonançosa.

A mulher, para que o seu coração aspira, é a mulher que se extasia como elle nas perspectivas da sua amada patria. No *Sempre Ella*, transporta-nos em vagos cantos aos climas que o seduzem e o enfeitam.

Nada o mudo Alcyon por sobre os mares  
É proximo a seu fim desata o canto;  
A rosa do Soarão lá se despenha  
Nas aguas do Jordão; e como a rosa,  
Como o cysne do mar entre perfumes,  
Aos sons d'uma harpa interna ella morria!

Como o pastor que avista a linda rosa  
Nas aguas da corrente, e como o nauta  
Que vê, que escuta o cysne ir-se embalado  
Sobre as aguas do mar, cantando a morte;  
Eu tambem a segui—a rosa, o cysne,  
Que lá se foi sumir por clima estranho.

E depois que meus olhos a perderam,  
Como se perde a estrella em céus infundos,  
Errei por sobre as ondas do oceano,  
Sentel-me á sombra de florestas virgens,  
Procurando apagar a imagem d'ella,  
Que tão inteira me ficára n'alma!

Embalde aos céus erguendo os olhos turvos,  
Meu astro procurei entre os mais astros  
Q'outr'ora amiga sina me fadára!  
Com brilho embaciando a luz incerta,  
Nos ares se perdeu antes do occaso,  
Deixando-me sem norte em mar de angustias.

Por um raro acaso, eu fui testemunha do alvorecer da sua vocação litteraria. Estudante de direito em Coimbra, sobrepunhando talvez em vigor e frescura poetica aos seus collegas, a sua timidez impediu-o por muito tempo de se manifestar, senão em conversações intimas, nas reuniões familiares dos seus amigos. Quando *Os Primeiros Cantos*, que elle graciosamente me enviou, deram esplendor ao seu nome, já eu me maravilhava de que aquella voz, tão eloquente nos primeiros annos, se conservasse muda no seio da sua terra, —da sua terra, cujas saudades o punham, embora embalado pelas auras bonançosas do Mondego, e ouvindo fallar a mesma lingua que elle aprendera no berço natal.

*Os Segundos Cantos* e *Os Ultimos Cantos* foram progressivamente elevando a sua reputação, e não é de certo temerario affirmar que é elle hoje o primeiro poeta do Brazil, e um dos mais notaveis talentos da geração, que se dedica ás letras, em ambos os paizes.

Em raros poetas temos visto mais pronunciado e distincto o sentimento da natureza, da natureza indigena, americana. Só um poeta, e um poeta nascido e educado nas scenas dos tropicos, pôde descrever assim o luar, que brilha tão vivo ao sul do equador, e namorar as estrellas, que mais vastas e luzentes se accendem no manto azulado do firmamento. Na sua poesia—A tempestade—por exemplo, está em rapidos traços esboçada a perspectiva da tormenta, que se esconde nos confins do horisonte, que rebenta furiosa e rapida, para dentro numa hora desaparecer de todo, e deixar o céu limpido e sereno. É a tempestade do Brazil, da America, que se não assemelha ás tempestades da Europa, que maravilha o estrangeiro, agitando em accesso terrível e momentaneo de colera a face quasi sempre meiga d'essas regiões deliciosas.

De côr azul brilhante o espaço immenso  
Cobre-se inteiro; o sol vivo luzindo  
Do bosque a verde coma esmalta e doira,  
E na corrente dardejando a prumo,  
Scintilla e fulge em laminas doiradas.  
Tudo é luz, tudo vida, e tudo côres!  
Nos céus um ponto só negreja escuro!

Eis que das partes, onde o sol se esconde  
Brilha um clarão fugaz pallido e breve;  
Outro vem após elle, inda outro, muitos;  
Succedem-se frequentes,—mais frequentes,  
Assumem côr mais viva,—inda mais viva,  
E em breve espaço conquistando os ares,  
Os horisontes co'o fulgir roxeiam.

De quando em quando o vento na floresta  
Silva, ruge e morre;—e ao vento ao longe  
Rouqueja e brama, e cava-se empolado,  
E aos pincaros da rocha ennegrecida  
De iroso e mal soffrido a espuma arroja:  
Raivoso turbilhão comsigo arrasta  
O argueiro, a folha, em vortice espantoso;  
No valle arranca a flôr, sacode os troncos,  
Na serra abala a rocha, e move as pedras,  
No mar os vagalhões incita e cruza.

Emfim descendo, a chuva copiosa  
Nuvens, bulções desfaz: os rios crescem,  
De perolas a relva se matisa,  
O céu de puro azul todo se arreia,  
Sorri-se a natureza, e o sol rutila!

O Imperador do Brazil, monarcha tão notavel pela sua moderação e siseudez politica, como pela sua intelligencia, instrucção, e amor ás lettras, em breve distinguio o joven poeta, e conceituou-o merecidamente como uma das illustrações do seu imperio. Nomeado officio de secretaria, veio nos fins do anno passado á Europa, n'uma missão litteraria, e hoje está em Paris, d'onde deve partir a visitar os estabelecimentos litterarios da Allemanha e da Prussia.

Muitos dos seus antigos condiscipulos e contemporaneos de Coimbra, e os admiradores de sua reputação, tiveram occasião de tratar o Sr. Antonio Gonçalves Dias, durante o pouco tempo que se demorou em Lisboa. Apesar de Byron haver affirmado algures que ninguem é heroe diante do seu criado, a verdade é que o poeta é um homem do mundo, accessivel a todas as idéas generosas, a todos os sentimentos honestos, modesto e reflectido, que sabe conversar com a musa, na sua hora e ensejo proprio, sem affectar estar continuamente viajando nas regiões da pura idealidade. Rara qualidade é esta, no seculo em que os maiores talentos usam tantas vezes de um charlatanismo calculado, apresentando-se como creaturas quasi sobrenaturaes, e incommodando a imaginação para fazerem effeito. Certo é que as superioridades intellectuaes se expiam por assim dizer com o ridiculo, quando não é com a desventura.

LOPES DE MENDONÇA.

## THEATROS

### A MENINA DO AR

Tem os cabellos louros esta menina e é de uma belleza extraordinaria, excepcional. Deve ter doze annos de idade, no maximo.

Fomos vel-a numa d'estas ultimas noites no Polytheama Fluminense, nos seus assombrosos trabalhos aereos.

Quem vio a pequenina Alcide, que aqui esteve ha alguns annos trabalhando nesse mesmo theatro, quem vio essa meiga creança que apenas deixou o berço atirou-se a essa vida infornada de artista, certamente que não deve deixar de recordal-a ante a sua interessante rival.

E' adoravel esta menina quando, de cabellos soltos, com um delicado sorriso nos labios, exhibe-se no seu trapezio em miniatura nos mais difficeis trabalhos que temos visto em gymnastica.

Faltam-lhe as azas para ser um anjo perfeito, mas ainda outra cousa não pode lembrar uma creaturazinha que por meio de algumas cordas anda pela immensidade tranquillamente, como se estivesse brincando, ora deixando-se cahir de pontas de pés sobre o trapezio, ora segurando-se apenas pelos calcanhares.

Quem quizer ter plena certeza do que vimos de dizer, quem quizer certificar-se bem d'estas verdades, vá ao Polytheama e de uma cajadada matará uma porção de coelhos: admirará a *Menina do ar*, verá o Frank tocar o *Araúca* na sua cafeteira musical, applaudirá a elasticidade do Lamont, apreciará os magnificos cavallos que possuem a companhia dos irmãos Carlo e tigres e leões... leões a dar com um páu!

Foi na quarta feira a despedida da companhia dramatica italiana Rossi-Duse-Cecchi, que o incomparavel e

electrico empresario Cesare Ciacchi nos trouxe este anno.

O vasto theatro S. Pedro de Alcantara estava litteralmente cheio por um publico que não foi ali, como tantas vezes, attrahido pelo nome da peça, quasi desconhecida entre nós, mas expressamente para admirar pela ultima vez o excellente trabalho d'aquelle bravo nucleo de artistas que tantas noites nos delicioiu.

Duse-Checchi, a extraordinaria e fulgurante estrella da companhia, teve uma segunda ovação, que se não foi tão ruidosa e entusiastica como a da noite do seu beneficio, foi porque a todos já pungia a saudade da partida proxima.

Andó, Rossi, Mazzi, Aleotti e os demais artistas foram todos chamados á scena e victoriados por todo o publico.

O empresario Ciacchi tambem foi chamado e applaudido.

De uma frisa da direita a interessante e intelligente menina Candida Barata, filha do Dr. Barata Ribeiro, recitou com muito brio uma poesia do nosso collega Valentim Magalhães—*Adeus á Duse-Checchi*, que fez um estrondoso successo, sendo a gentil recitadora freneticamente applaudida. Publicamos hoje essa poesia.

A peça representada foi *Les lionnes pauvres* de Emilio Augier, bello drama em 5 actos, escripto ha vinte e tantos annos, mas que está ainda tão novo e fresco como se fóra de hontem. E' uma peça um tanto á maneira de Dumas Filho, de um assumpto immensamente dramatico, cheia de finas observações, tendo tambem o seu Olivier com uma phrase de espirito ou um conceito galante e original para cada facto, um bom dito para todas as situações.

Duse, por doente, não poude dar ao seu papel todo o brilho e toda a pujança do seu talento; mas viam-se, apesar d'aquella voz velada, todos os cambiantes do sentimento que a fraqueza da actriz não podia fazer expludir.

Rossi, se o considerarmos, como devemos, au actor vinte annos atrazado dos seus companheiros, fez notavelmente o seu papel.

Andó, em relação ao seu extraordinario merito, quasi nada tem que fazer nesta peça, todavia o que fez, fel-o com a costumada correcção e superioridade.

Mazzi foi um Tederico rasoavel, sublinhando bem maliciosamente algumas phrazes e dizendo sempre com muitissima graça e distincção.

Muito beo a Senhora Aleotti no papel de Serafina.

Os demais artistas não têm papeis aesta peça, o que é pena, porque o publico perdeu a occasião de se despedir tambem da Sra. Zangheri, uma *ingenua* de muito talento que fez superiormente varios papeis, sempre com applausos do publico.

Emfim, ante-hontem lá partio no paquete *Elbe*, a melhor companhia dramatica que nos tem visitado — e que será para nós um mal, porque difficilmente nos rehabituaemos ás nossas pobres companhias dramaticas.

Lá se foi a Duse, aquella adoravel Duse, que nos encantava e deliciava com as phantasticas fulgurações do seu enorme talento; e o Andó, o actor mais completo que temos visto, rara personificação da arte moderna, elegante e correcto, sabendo dizer e sentir admiravelmente, interpretando com a mesma fidelidade artistica Armando Duval e o duque de Nemourds.

Mar banzeiro os conduza até Buenos Ayres, e que nós tenhamos a ventura de os tornar a ver em breve.

E o Ciacchi, o levipe de e telegraphico

empresario Ciacchi — receba os nossos sinceros applausos e traga-nos sempre sompanhias do alto valor artistico da que *se ha andato via*.

## FACTOS E NOTICIAS

Contrahiu matrimonio em Santa Maria da Bocca do Monte o distincto poeta Assis Brazil com a Exm<sup>a</sup> Sra D. Cecilia de Castilhos, irmã do Dr. Julio de Castilhos, director da *Federação*.

Aos noivos enviamos d'aqui as nossas sinceras felicitações e desejamos-lhes mil venturas.

## SPORT

Realisam-se amanha, ás 11 e meia horas, as corridas do *Derby-Club* transferidas de domingo passado por causa da chuva.

O programma é o mesmo que todas as folhas, inclusive a *mossa*, publicaram na semana transacta.

Permitta o tempo e serão magnificas as corridas do *Derby Club*, amanha.

Se houver bom tempo será amanha tambem a regata transferida do ultimo domingo.

Foi nomeado director do *Diario Official* o Dr. Pedro de Barros Cavalcante de Albuquerque.

Reuniu-se no domingo o ultimo, a sociedade Protectora dos animaes. Foram distribuidos os estatutos impressos e approvados depois de algumas observações.

Foi eleita por aclamação a directoria, que ficou composta de:

Presidente, senador A. Marcellino Nunes Gonçalves; 1<sup>o</sup> vice presidente, Dr. Venancio José de Oliveira Lisboa; 2<sup>o</sup> dito, João Carlos de Souza Ferreira; 3<sup>o</sup> dito, Dr. José Ferreira de Araujo; 1<sup>o</sup> secretario, coronel José Brazilino da Silva; 2<sup>o</sup> dito, chefe de divisão Ignacio J. da Fonseca; thesoureiro, commendador João Alves Affonso.

Foi eleito tambem um conselho de 12 pessoas, entre as quaes varias senhores da melhor sociedade, e uma commissão-fiscal composta dos Srs. Dr. Henrique Samico, Dr. Luiz A. de Azevedo Macedo e José Maria Alves da Silva.

Nas duas emancipações promovidas pela Illma. camara municipal da corte ficaram livres 213 escravizados, sendo 173 mulheres e 40 homens. Despendeu-se na 1<sup>a</sup> 14:400\$ e na 2<sup>a</sup> 38:550\$000.

O Sr. Descambargador Calmon não accitou a denuncia dada pelo 2<sup>o</sup> promotor publico contra os Srs. Visconde de Wildick e Francisco Brandão de Castro, sobre o roubo do consulado portuguez.

## 20 DE SETEMBRO

Recebemos da *Confederazione Italiana di Rio de Janeiro* um convite para a festa que se tem de realizar amanha, commemorativa da entrada das tropas italianas em Roma e da queda do Poder Temporal do papa.

O Club republicano rio-grandense celebrará depois d'amahan com uma sessão solemne e a distribuição de um jornal especialmente dedicado á glorificação do dia 20 de Setembro de 1835 — o 50<sup>o</sup> anniversario da proclamação da republica rio-grandense.

A sessão se realizará no theatro Lucinda, ás 11 horas da manhan.

Dando esta noticia e relembando essa gloriosa pagina da historia da heroica provincia e o nome immortal de Bento Gonçalves, saudamos os nossos patricios, filhos do Rio Grande do Sul.

## CONSERVAS

Do Sr. Dr. Joaquim Pinto Pacca recebemos algumas latas de conservas alimenticias da sua fabrica de Benevente, na provincia do Espirito Santo. Continham amostras dos seguintes preparados: — tainhas, lombo de porco assado, doce de cidra e de banana da terra.

Um jantarinho completo.

Mandámos vir uma *meia* de *Chateau-Lapipa*, um pão e um palito e jantámos regaladamente com a succulenta dádiva do Sr. Dr. Pacca. A tainha estava soberba: — fresca e appetitosa como se fosse preparada no *Novo Mundo* ou no *Globo*, naquelle mesmo dia. Pareceu-nos apenas que tinha muita pimenta. Embora declare o fabricante no envolucro das latas: « Com todos os temperos da cosinha brasileira » e seja d'elles o principal — a pimenta, achamos que fóra preferivel diminuir a dose piperácea porque muitos não gostam de pimenta e outros não podem com ella. Passámos ao lombo de porco assado.

Ah, meus senhores, que porco! e que lombo! Delicioso!

Da sobremeza, embora a cidra nos parecesse de um sabor ideal, foram as bananas em calda que nos deliciáram. Era natural... não acham? Depois d'aquillo — o chylo.

Nós, como folha que se préza e que sabe que tem talento a dar com um páu — nós somos dyspeptica. E por isso dissemos, de nós comnosco, dando á peria para auxiliar a digestão: « Se com taes conservas conservar-se o estomago em estado rasoavel, diremos que ellas foram fabricadas no *Empyreo*, não em Benevente ». Pois o estomago conservou-se inalteravelmente bem. Assim, cumprindo a promessa feita, temos o gosto de declarar que as conservas de Benevente foram preparadas no céu por Brillat Savarin, que Deus haja muito tempo sem nós.

## RECEBEMOS

— *O Cherubim*, n. 1, periodico semanal, dedicado ao bello sexo.

— Que o proteja o bello sexo, collega, e que tenha longa vida é o que desejamos.

— *A Divina Comedia* de Dante Alighieri, fasciculo n. 9, traducção de José Pedro Xavier Pinheiro.

— *Estadistas e Parlamentares* por Timon, um exemplar da terceira serie, em que se occupa o auctor com o conselheiro Franklin Doria.

— *A Distracção*, n. 49.

— *O Cadastro da Policia*, fasciculo n. 29.

— *Processo da Monarchia Brasileira* por Afrisio Fialho. Pamphleto notavel. 10 mil exemplares; edição gratuita.

— *Historia de Gil Braz de Santilhana*, fasciculo n. 4.

## CORREIO

— Sr. João Silva Loureiro — O seu soneto *Vigilias* tem alguns defeitos, mas em todo o caso o amigo tem vocação. Continue.

— Sr. *(Arte)* — O Sr. não sabe que todos os jornaes diarios tem uma secção com o titulo — *Publicações a pedido?* E' onde póde appa-recer a sua producção.

— Sr. M. Pinto Neves — Brevemente ha-de ler a sua poesia *Olvido* na *Collaboração*.